

Demócrito Rocha Dummar: uma grandeza humana singular

Noemi Elisa Aderaldo

Embora o destino não tivesse permitido, Demócrito mais que merecia o agradecimento pelo magnânimo gesto frente à Academia Cearense de Letras – gesto que redundou numa irmanal aliança-bem como o abraço solidário pela cosmovisão cultural de quem sempre espelhava ondas sucessivas de sonhos muitas vezes fundidos, no longe dos horizontes, a mares e céus que tanto transmutava – talvez pelo ritmo com que os perseguia – em povos, perfis, guerras e pazes, confundindo-nos, por segundos, antes da nossa desconstrução analítica habitual do seu abrangente e integralizante discurso.

Assim, unia-se a todos, não só pela informação que inovadora-mente fornecia, mas, sobretudo, pelo compartilhamento reflexivo e elevação de espírito, persuadindo-nos de que se sabia uno e diverso ao mesmo tempo, e de que se sabia – como dissera tantas vezes a seus filhos – completando-se no outro.

Demócrito falava com se todos nós proviéssemos de um único núcleo do qual a espiral humana nascia, e isso o diferenciava imensamente dos esquecidos de si mesmos e de sua origem, extasiados, infantilmente, com o voo fútil, fátuo e fugaz da existência.

A ansiosa curiosidade pelos fatos, portanto, necessariamente propiciava-lhe discorrer sobre os atos humanizantes que poderiam ir depurando aqueles mesmos fatos.

É por essa sensibilidade que por graça herdara, cultuada pela amorosa sagração à nossa Wânia, à D. Lúcia, à Luciana Dummar, a André Azevedo, à Georgiana, a Dummar Neto, a Demócrito Filho, ao meu amigo Dummar filho, à Albaniza Pontes, à Lúcia Helena Antero, à Carmem Lucia Azulai, à Lucia Maria Asly, a nós também seus irmãos em alma, no sentido metafísico por meio do qual a todos considerava, que cremos no caminho de luz de sua real permanência e de sua perene paz.